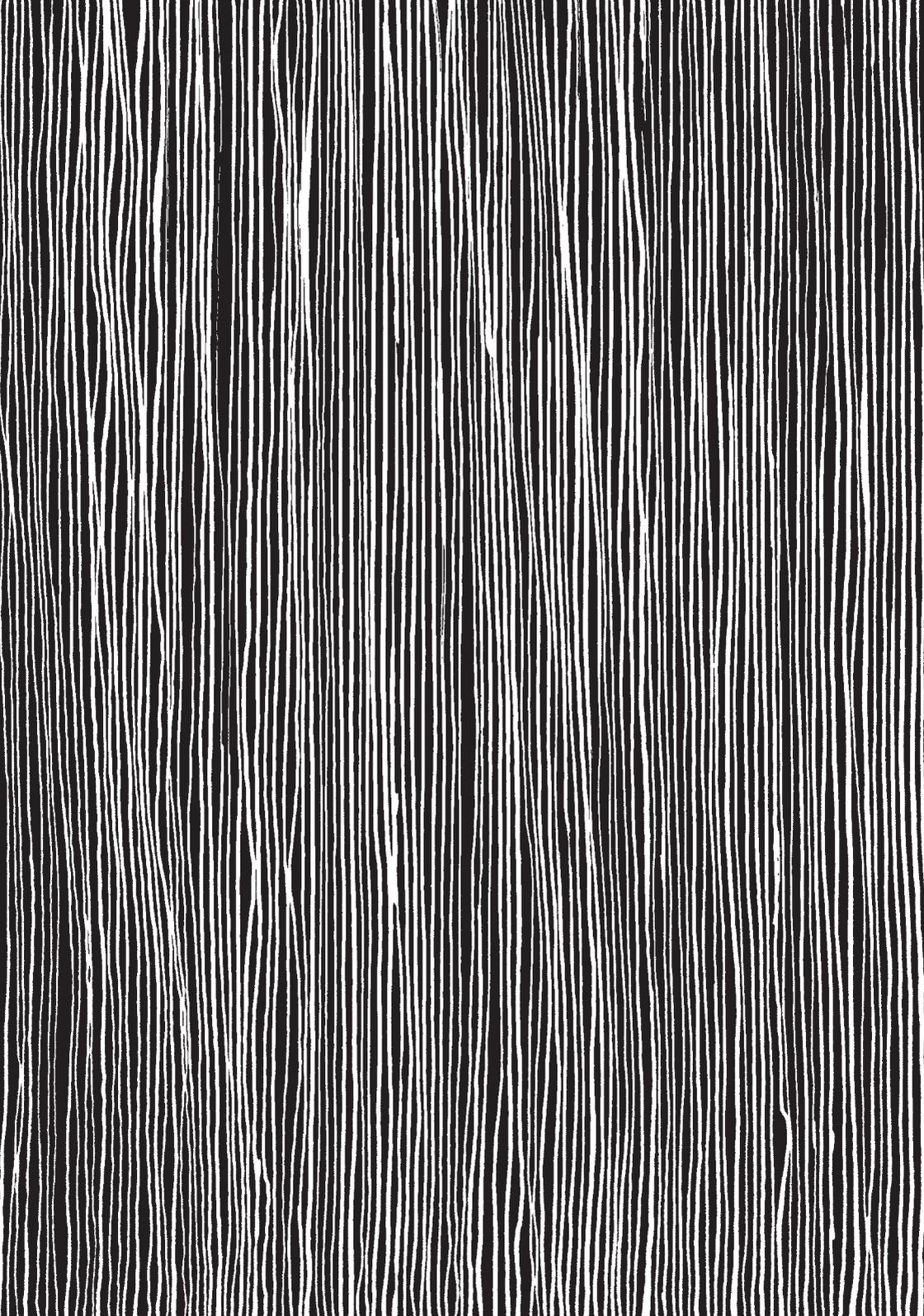




SÁBADOS
DE CIÊNCIA
INDÍGENA



SÁBADOS
DE CIÊNCIA
INDÍGENA



Apresentação



Esta cartilha é resultado do projeto Sábados de Ciência Indígena, uma atividade de extensão do Programa de Educação Tutorial (PET) Conexões de Saberes – Comunidades Indígenas da Universidade Federal da Bahia (UFBA). O projeto tem por objetivo divulgar nas escolas indígenas do estado da Bahia e Nordeste a produção científica de universitárias e universitários indígenas da UFBA e também levar informações sobre como é a saída da aldeia para entrar na universidade, incluindo dicas sobre a assistência estudantil, a vida na cidade grande, particularmente em Salvador e como superar os desafios para concluirmos o ensino superior.

Os povos indígenas do Nordeste têm demonstrado a sua força em diversas mobilizações e lutas e para vencermos cada vez mais as batalhas do nosso dia-a-dia é muito importante que tenhamos guerreiras e guerreiros formados nos mais diversos cursos universitários. Na Bahia, por exemplo, já temos indígenas advogados, antropólogos, médicos, enfermeiros, fisioterapeutas, economistas, engenheiros, gastrônomos, analistas de políticas públicas, arquitetos e professores de muitas áreas do saber, como História, Geografia, Matemática, Português... Para as nossas comunidades é muito importante que cada vez mais jovens assumam a luta da universidade para que nós mesmos possamos cuidar da saúde dos nossos povos, educar nossas crianças e jovens e lutar pelos nossos direitos.





Por isso convidamos você, estudante indígena, para ler essa cartilha que foi dividida em três grandes temas: 1) Direitos Indígenas, 2) Saúde Indígena – com foco na saúde mental e 3) Contextos de Violência e Discriminação.



Unidas e unidos vamos cada vez mais aldear as universidades públicas do estado da Bahia, pintando seus muros com jenipapo, urucum e tauá. Para isso, é importante lembrarmos que nosso papel na universidade não é só aprender, mas também ensinar aos brancos a importância de nossa história, existência, espiritualidade, sabedoria e territórios.



Salvador, Outubro de 2022
Equipe do PET Comunidades Indígenas da UFBA



Ciência indígena

E aí parentada, vocês já discutiram a Ciência Indígena?

Ciência Indígena é todo conhecimento e entendimento do mundo natural, numa visão indígena da realidade, que atravessa a ancestralidade dos povos originários desta terra. São nossos saberes tradicionais, adquiridos através da vivência de cada geração e etnia. Logo, cada cultura desenvolve seus saberes específicos, suas crenças, suas artes, seus mitos, seus rituais e suas simbologias.

Ou seja, nossa ciência são nossos saberes ancestrais, acerca dos mares, dos rios, dos animais, da gastronomia, da cosmologia, da agricultura, da natureza, da cura indígena e de todo conhecimento harmônico, espiritual e físico, dos nossos valores e visão de mundo, da relação que construímos com a mãe Terra. Logo, a Ciência Indígena pode ser considerada o conjunto de explicações sobre o mundo que os diferentes povos constroem a partir da sua ancestralidade e espiritualidade. A medicina tradicional é um tipo de ciência muito comum nas nossas comunidades. Utilizar ervas medicinais na cura do físico e do espírito é o principal ponto, quando falamos nesse assunto.





Saúde



mental

Você sabia que historicamente o nosso contato com não indígenas e diferentes modos de viver gerou consequências sobre nossos processos de construção enquanto pessoa? O que quero dizer é que fomos afetados por diversas violências, e até hoje isso nos influencia diretamente!

Muitos de nós vão para a universidade com inseguranças sobre suas qualidades e quem verdadeiramente são por conta dessas violências sofridas.

Corpo e espírito, são um só!

E esse contato faz com que se abram feridas que podem doer, e por isso devemos estar atentos a como lidamos com nossas emoções e sentimentos. O nosso corpo e espírito devem estar fortalecidos, por isso devemos cuidar deles.



É importante que você mantenha ou construa uma rede de apoio (familiares, amigos, professores, colegas e conhecidos) para compartilhar suas vivências.

Busque estar conectado com a cultura do seu povo, com atividades que lhe dão prazer, se alimente de forma saudável, mexa seu corpo com algum exercício físico, escreva sobre seus dias em um diário para trabalhar sua forma de comunicação e também para se autoconhecer.



Por muito tempo contaram a nossa história e por isso a importância de demarcarmos os espaços de poder, a fim de sermos protagonistas da nossa própria história.

Você é um, mas lembre-se que não está só!



A universidade



Tenho certeza que você já ouviu falar, ao longo da sua caminhada, que a educação é a principal ferramenta na luta por nossos direitos. Nada melhor do que apresentar a universidade a vocês!

A universidade é um espaço de ensino superior, voltado ao estudo das áreas específicas da sociedade, formação do pensamento crítico e qualificação profissional. Atualmente no estado da Bahia temos 12 instituições públicas de ensino superior entre estaduais e federais com políticas de cotas para ingresso da população indígena.

No Brasil, para frequentar uma universidade, é obrigatório, pela lei de diretrizes e bases da educação, concluir todos os níveis de ensino adequados às necessidades de todos estudantes do ensino infantil, fundamental e médio. Entende-se que o processo de ingresso na universidade vem de uma luta anterior dos povos indígenas e hoje encaramos a educação escolar como uma forma de luta e resistência para a preservação e garantia da educação indígena. A formação na universidade pode contribuir para que se desenvolva e amplie a condição humana, um processo que pressupõe o enriquecimento espiritual, cultural e material, pela apropriação da riqueza produzida socialmente e assim transformando vidas.



Ações afirmativas



e assistência estudantil

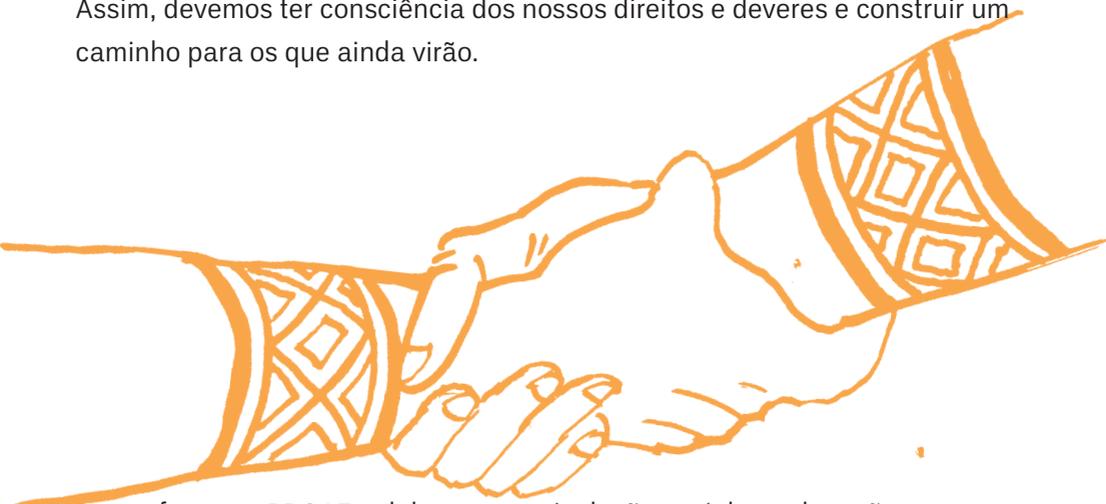
Você conheceu um pouco da Universidade, né?! Vamos conversar um pouco sobre a principal ferramenta de permanência dos estudantes, ou seja, as Ações Afirmativas e Assistência Estudantil!



Parentes, apesar dos desafios do ingresso na Universidade, existem políticas de Ações Afirmativas, cujo seu principal objetivo, é diminuir a desigualdade política, social e econômica, levando em consideração a raça, cor, religião, sexo, orientação sexual e nacionalidade. Desta forma, essa Assistência Estudantil garante a nossa permanência dentro da Universidade. Além disso, o sistema de cotas para estudantes de escolas públicas destina 50% das vagas reservadas aos indígenas, negros, pardos e pessoas com deficiência. Por isso, a importância de ocuparmos esses espaços e resistir às dificuldades do sistema.

Se você ficou curioso e interessado em ingressar em alguma universidade, apresentamos a você, as Políticas de Ações Afirmativas da Universidade Federal da Bahia, que conta com a Pró-reitora de Assistência Estudantil (PROAE), cujo o objetivo é garantir a permanência de estudantes de graduação em situação de vulnerabilidade social, combatendo as desigualdades sociais e a discriminação de grupos historicamente excluídos dos

espaços legitimados pelo poder, como é o caso dos povos indígenas. Apesar disso, vale ressaltar que nada é instantâneo, existem diversas dificuldades assim que chegamos à universidade, principalmente no acesso aos benefícios da PROAE. Por isso, é preciso continuar uma luta, de uma construção coletiva, pensando nas gerações futuras, afinal, as Políticas de Ações Afirmativas da UFBA só existem, porque outros lutaram por nós, antes de chegarmos aqui. Assim, devemos ter consciência dos nossos direitos e deveres e construir um caminho para os que ainda virão.



Dessa forma, a PROAE colabora com a inclusão social na educação, na intenção de proporcionar e assegurar a permanência dos estudantes em toda sua trajetória acadêmica, com o desenvolvimento de ações relativas à atenção à saúde, moradia estudantil, inclusão digital, alimentação, transporte, creche, cultura, esporte, apoio pedagógico e acesso, participação e aprendizagem de estudantes com deficiência física, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades e superdotação (PNAES, Decreto nº 7.234/2010). Por fim, a UFBA, anualmente, faz o Processo Seletivo para vagas reservadas aos candidatos Indígenas Aldeados, moradores das comunidades Remanescentes dos Quilombos, pessoas Trans (transexuais, transgêneros e travestis), e Refugiados. Ao todo são ofertados 112 cursos de graduação. E aí, vai ficar de fora dessa?!

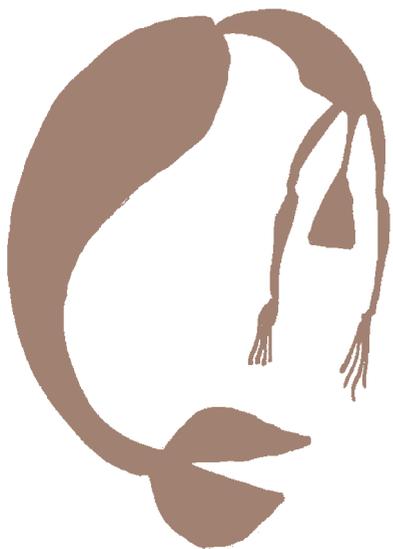
Por isso faça o ENEM, entre e ocupe o seu espaço dentro da universidade! Venha somar nas nossas lutas! Para saber mais, acesse <https://ingresso.ufba.br/aldeados-quilombolas-ptrans-refugiados> e fique por dentro de tudo!

Direitos indígenas

Já que falamos sobre Ações Afirmativas e Assistência Estudantil, que tal falarmos agora dos direitos indígenas?! Você conhece seus direitos?

Quando ouve falar em “Direito Indígena”, o que vem a sua cabeça?





A Constituição Federal de 1988 é reconhecida e exercida como nossa Lei maior, ou seja, no âmbito do Direito, a Constituição é o referencial jurídico de maior importância. É justamente nela que encontramos dois artigos que relatam sobre nossos Direitos. Temos então o Art. 231 e 232, que versam sobre território, modo de vida, cultura e etc. Por exemplo, está escrito no artigo 231, que, “São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens.”

Assim, entendemos que é dever do Estado garantir nossos direitos reconhecidos pela Constituição, como diz o trecho acima. Por exemplo: pense o Direito como o acesso a uma obrigação que o Governo tem de demarcar nossos territórios. Por isso que fechamos pistas, fazemos passeatas, viajamos até outros lugares para que o acesso a esse direito – e tantos outros – possa ser garantido.

Violências

e discriminação

Já conversamos sobre Ciência Indígena, Saúde Mental, a Universidade, Ações Afirmativas e Direitos Indígenas, que tal falarmos um pouco sobre violência? Vem saber o porquê precisamos ser resistência!!!

Nesses últimos anos, a violência contra os povos indígenas e as violações dos seus direitos têm se intensificado cada vez mais. Embora o direito ao território seja garantido na constituição, são diversas as tentativas para que as demarcações das terras indígenas não aconteçam. Ao longo dos anos os indígenas sofrem com as barragens, garimpo ilegal, grilagem, roubo de madeiras e constantes invasões em seus territórios, ocasionando também dificuldade de acesso à saúde, educação e o aumento das violências e discriminações contra os povos indígenas. Em 2021 se iniciou o julgamento da tese do marco temporal que estabelece que os povos indígenas só têm direito aos seus territórios se já estivessem nestes na promulgação da constituição de 88, sendo mais uma tentativa de negar os direitos dos povos indígenas, desconsiderando todas as violações que essa população vem sofrendo e o roubo de suas terras desde o início da colonização do Brasil em 1500. São inúmeras situações de violações de direitos contra os povos indígenas. No último ano houve um grande aumento do garimpo ilegal em territórios indígenas, causando diversos prejuízos à saúde, alimentação, modo de vida e gerando grande vulnerabilidade para essas populações. Aumentou, assim, a violência, discriminação, perseguição

e morte de lideranças indígenas. Diante toda a luta dos povos indígenas para que seus direitos sejam garantidos, esses povos se deparam também com a invisibilidade e discriminação. Muitas vezes são colocados na mídia como invasores, desocupados, além de terem sua identidade questionada por conta de sua aparência quando não é a mesma do imaginário imposto pelo colonizador à sociedade. Por conta desse estereótipo, os indígenas vêm sofrendo discriminação nos diferentes espaços. Nas universidades precisamos o tempo todo afirmar e reafirmar nossa identidade, pois somos questionados sobre nossa aparência e o porquê de estarmos nesse espaço. Por isso é tão importante ocupar cada vez mais as universidades.

É necessário falar também de outro tipo de violência, que é a sofrida pelas mulheres indígenas dentro e fora de suas comunidades. Com a colonização, o machismo adentrou em várias comunidades indígenas. Infelizmente muitas mulheres indígenas sofrem violências físicas, verbais, abusos e silenciamento de suas vozes. Aos poucos e com muita luta essas mulheres vêm ocupando espaços importantes dentro e fora de suas comunidades.

Hoje já podemos ver lideranças indígenas, cacicas, pajés. Porém ainda há um longo caminho pela frente para que a violência contra essas mulheres seja erradicada das comunidades indígenas. E todos os integrantes que compõem as comunidades precisam estar presentes nas discussões e entender que também têm um papel importante para a mudança, que a luta não deve ser somente das mulheres.



Realização

MINISTÉRIO DA
CIÊNCIA, TECNOLOGIA
E INOVAÇÕES



SBPC Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sábados de ciência indígena [livro eletrônico] /
coordenação Felipe Bruno Martins Fernandes ;
ilustração Fabio Mariano. -- 1. ed. --
Salvador, BA : Ed. dos Autores, 2022.
PDF.

Vários colaboradores.
ISBN 978-65-00-53364-4

1. Ancestralidade 2. Cultura indígena
3. Direitos indígenas 4. Educação indígena
5. Medicina tradicional 6. Povos indígenas
I. Fernandes, Felipe Bruno Martins.
II. Mariano, Fabio.

22-133353

CDD-306.089981

Índices para catálogo sistemático:

1. Cultura Indígena brasileira 306.089981

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Equipe PET Comunidades Indígenas (2022)

Tutor

Felipe Bruno Martins Fernandes

Estudantes

Ane Kethleen Ferreira da Silva – Povo Pataxó | Henrique da Silva – Povo Jiripankó | Graziely Silva Oliveira – Povo Kaimbé | Marcos Juan de Jesus Aquino – Povo Pataxó | Vanessa Santos Pinheiro – Povo Pataxó | Jênica Silva Barbosa – Povo Pataxó | Eloisa Amor Divino dos Santos – Povo Pataxó | Elis Cristina dos Santos Soares – Povo Tuxá | Walisson Pereira da Silva Júnior – Povo Pataxó | Thays Santos Silva – Povo Pataxó e Povo Atikum | Rutian do Rosário Santos – Povo Pataxó | Doriel Santos do Nascimento Silva – Povo Pankararé

Colaboradora

Juliana do Rosário Santos – Povo Pataxó

Revisão e apoio

América Lúcia Silva César | Maria Rosário Gonçalves de Carvalho

Convidados

Miriam Pillar Grossi – SBPC | Maria Rosário Gonçalves de Carvalho – PINEB/UFBA | Cássia Virgínia Maciel – PROAE/UFBA | Jerry Matalawê – SJDHS/Bahia

Financiamento

Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – SBPC | Edital SBPC Vai às Escolas

Projeto gráfico, ilustrações e diagramação

Fabio Mariano

Apoio

Colégio Estadual Indígena Coroa Vermelha | Movimento Unido dos Povos e Organizações Indígenas da Bahia (MUPOIBA) | Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) – Área de Representação B (Bahia) | Gabinete da Vice-Reitoria da UFBA | Pró-Reitoria de Ações Afirmativas da UFBA | Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA) | Programa de Pós-Graduação Multidisciplinar em Estudos Étnicos e Africanos (POSAFRO) | Programa de Pesquisas sobre Povos Indígenas do Nordeste Brasileiro (PINEB) | Centro de Referência de Atendimento às Mulheres Vítimas de Violência Doméstica de Santa Cruz de Cabrália/BA | Coletivo Mulheres em Ação – Coroa Vermelha



9 786500 533544